

1.

Abertura Relâmpago

Este estudo compõe-se de ensaios independentes sobre a obra de Murilo Mendes. Como ocorre com os escritos do autor, eles naturalmente dialogam entre si, buscam iluminar-se uns aos outros. A partir da metáfora do colecionador, acercamo-nos de sua obra, examinando aspectos como o seu catolicismo, a aproximação do surrealismo e o universalismo.

Adotamos a forma ensaística, não só pela grande liberdade que confere, como por entendê-la mais produtiva para abordar uma obra, como a muriliana (em especial a prosa), que, construída a partir de um repertório canônico, desloca-o, todavia, em planos instáveis e descontínuos. O ensaio, como nota Adorno, permite compor experimentando¹, e o próprio traçado do pensamento, em suas idas e vindas, aí se imprime. Assim são estes breves ensaios, muitas vezes errantes e errados, descomprometidos de um desenvolvimento persuasivo ou conclusivo. Ensaios giróvagos, se quisermos empregar o léxico muriliano.

Em carta a Murilo, o psicanalista Hélio Pellegrino, como conta Eneida Maria de Souza², escreveu: “Confesso-lhe, meu caro Murilo, que a sua presença poderosa me confunde um pouco, e me constrange”. Sob o impacto dessa “presença poderosa”, temi – e aqui passo à primeira pessoa do singular – uma possível falta de distanciamento, necessária mesmo quando se opta pelo ensaio. Na viagem a Portugal, visitando lugares de Lisboa sinalizados pelo poeta em *Janelas verdes*, ou buscando encontrar-me com Maria da Saudade Cortesão, a viúva hoje nonagenária, o que acabou não acontecendo, tive Murilo por guia e permanente interlocutor imaginário, atiçando-me, com sua visão insólita sobre tudo. E despertando-me a curiosidade por conhecer os inúmeros autores que cita (sendo cada capítulo deste volume sobre Portugal dedicado a personalidades da cultura daquele país).

Foi preciso algum esforço, portanto, para que admiração e proximidade não transformassem a minha leitura de sua obra em “leitura inocente”. Para evitar

¹ “Ao invés de executar algo científico ou produzir algo artístico, o seu esforço ainda espelha a disponibilidade infantil, que, sem escrúpulos, se entusiasma com aquilo que outros já fizeram.” ADORNO, T.W., “O ensaio como forma”, In: COHN, G., *Sociologia*, p. 168.

² SOUZA, E.M., “Vozes de Minas nos anos 40”. In: RIBEIRO, G.P., *Murilo Mendes: o visionário*, p. 76.

tal armadilha, levei a sério as recomendações de Benjamin de que “nunca se deve confiar naquilo que os escritores dizem a respeito de suas próprias obras”. Espero ter conseguido, assim, desvencilhar-me de uma “crítica de celebração”, conforme expressão de Affonso Romano de Sant’Anna. Não há dúvida, porém, que é amorosa a reflexão que aqui se faz.